



## Encontro Inter-regiões - Sul

Região Sul - Evento virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00545
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<b>CAMPUS</b>	Curitiba
<b>CIDADE</b>	Curitiba
<b>UF</b>	PR
<b>CATEGORIA</b>	JO
<b>MODALIDADE</b>	JO08
<b>TÍTULO</b>	Eu amo meu filho, mas não gosto de ser mãe
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Helena Tramuja Sbrissia
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Jornalismo
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Deborah Neri Lucas Neiva (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); Paulo Roberto de Ferreira Camargo (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); Lucas Matheus Grassi (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); Bruno Afonso Rigoni Talevi (Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A reportagem "Amo o meu filho, mas não gosto de ser mãe" foi uma produção para a disciplina de Jornalismo Interpretativo, do 6º período do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, focado nas produções de reportagens longas e artigos de opinião para revista. Com o intuito da produção de reportagens com temas pouco usuais, o grupo optou pela abordagem de uma problemática que atinge muitas mulheres, mas é pouco falada: a inexistência de um "instinto maternal", este que sempre foi muito comentado durante toda a história da humanidade. Segundo Marília Scalzo, autora do livro Jornalismo de Revista (2003), as produções de revistas tendem a se apresentar de maneira mais aprofundada ao leitor, principalmente porque há, previamente, um conhecimento ou noção básica de qual é o público que consome aquelas publicações, tornando, assim, a relação entre a revista e o leitor algo quase que passional. Ter uma relação passional com o consumidor do conteúdo significa, portanto, que há uma identificação, confiança e expectativas sobre o que é escrito. O objetivo principal do grupo ao produzir a reportagem é demonstrar que, ao contrário do que a maioria da sociedade pode pensar ou dizer, existem mulheres que, mesmo após se tornarem mães, não despertaram em si o instinto maternal, não são entusiastas da experiência materna e não descrevem a própria vivência como algo proveitoso. Há, então, uma tentativa de desmistificar o papel da mãe, desassociando essa imagem como geradora instantânea e eterna felicidade. Algumas problemáticas foram encontradas durante a produção da reportagem, apontadas tanto por pesquisas prévias do grupo e orientações dadas pelo professor orientador da disciplina. A primeira problemática dizia respeito ao papel do pai nessas situações – que, inclusive, é abordado pelas entrevistadas ao longo do texto – e a questão da diferença quando um pai não gosta da experiência paterna. Isso é apontado por meio de dados logo no início da reportagem: de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), divulgado em 2013, 5,5 milhões de crianças brasileiras não possuem o nome do pai na certidão de nascimento. Outra problemática foi a diferenciação entre a depressão pós-parto (DPP) e o "não gostar de ser mãe". O grupo quis deixar explícito no corpo da reportagem que as duas coisas são extremamente diferentes, já que a DPP é considerado um quadro clínico, e a segunda é apenas um desejo (ou, neste caso, não desejo) da mãe em desempenhar este papel, que, por sua vez, pode ter a ajuda de psicólogos na resolução da questão. Portanto, como diz Goulart em seu artigo publicado no Observatório da Imprensa em 2005, "Uma lupa sobre o jornalismo de revista", uma publicação nesse formato tem o objetivo não somente de pautar os conteúdos no que é visto como interesse público, mas, também, entender os desejos do seu público em específico. O caráter jornalístico estaria "na busca da verdade, do esclarecimento, ajudando o leitor a compreender a realidade em que vive, a ser consciente". O grupo desenvolveu a reportagem para demonstrar ao público que é necessária uma desmistificação da maternidade e do papel de uma mãe no mundo, que, muitas vezes, precisa abrir mão de sonhos e de parte da própria vida para construir uma realidade completamente nova ao lado do filho – muitas vezes sem a ajuda do pai, já que, segundo o levantamento da PNAD de 2015, 84% das crianças nascidas no Brasil são criadas primariamente pela mãe.

### DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

As principais pesquisas que foram realizadas durante a produção da reportagem diziam respeito aos dados sobre abandono paterno. Isso porque o grupo compreendeu, após análise das entrevistas feitas com as fontes populares, que um pai não gostar de desempenhar o seu papel era algo muito mais normalizado do que a mãe no mesmo local de fala. Numa tentativa de endossar que era plenamente possível que uma mãe não gostasse de ser progenitora e, mesmo assim, amá-lo e arcar com a responsabilidade assumida de criar um filho, foram incluídos na reportagem diversos dados sobre o número de crianças sem o nome do pai no registro, a porcentagem de mulheres que criam o filho sozinhas – ou praticamente sozinhas – etc. Há uma normalização de um comportamento patriarcal na nossa sociedade de que as mulheres, mesmo tendo conquistado a liberdade e o direito de exercerem a profissão que quiserem, precisam executar uma dupla jornada: a de trabalho e a de mãe, enquanto cabe ao pai o papel de prover para a família o sustento necessário. Para demonstrar um contraponto, isso foi muito importante para que o grupo pudesse passar no texto a ideia de outra normalização: a que da mulher que não possui a pretensão ou a qualidade de se tornar mãe um dia.

#### **DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:**

A reportagem caracteriza-se por apresentar ao leitor um ponto de vista que é pouco falado, explorado e, além disso, reprimido num contexto geral pela sociedade: o fato de uma mãe não gostar, mesmo que apenas no início, da experiência materna. A ideia para a confecção do texto veio a partir de um grupo na rede social Facebook, voltado essencialmente para mães que estavam tendo dificuldades na adaptação da nova vida. Dentro do grupo as mulheres trocavam experiências, relatos e reflexões sobre a "qualidade" de ser mãe, e era comum a opinião de que era sim possível não gostar da experiência de ter sobre si a ideia da figura materna e, mesmo assim, amar o próprio filho e não medir esforços para fazer o que fosse necessário para lhe dar uma vida digna. Segundo Lage, em "Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística" (2000, p. 17), a pauta de uma reportagem pode seguir tanto fatos cotidianos e rotineiros como "fatos constatados por observação direta e que estão lá, esperando ser noticiados". Fatos que, potencialmente, possam gerar interesse do público por não seguirem um padrão esperado e por serem pouco ou, até mesmo, não comentados pela mídia. Tendo, então, a pauta desenvolvida a partir dessa observação, é preciso tomar George Gerbner como base no que diz respeito às fontes, já que as etapas necessárias para a construção de uma reportagem são resultado do trabalho de diversas pessoas. E esse trabalho começa na fonte, que é responsável pela formulação primária da representação do assunto que será levada adiante. Para Lage (2000, p. 25), se a fonte encontrar no repórter uma oportunidade de defender seu ponto de vista e seus direitos para o público geral, que é o caso da reportagem "Amo o meu filho, mas não gosto de ser mãe", enfatiza suas reivindicações e reclamações. Segundo Medina (2000, p. 36-37), a polifonia é de extrema importância no jornalismo, porque diferentes fontes são capazes de enriquecer um material através da pluralidade de opiniões e, também, da humanização dos entrevistados que são usados. Por isso, é preciso fugir do "autoritarismo institucional" e das fontes oficiais que, apesar de extremamente importantes para a relevância e credibilidade da reportagem, precisam de um contraponto mais humanizado – no caso, personagens. Nesta reportagem, devido ao teor escolhido e também por ser um texto longo, o grupo escolheu para focar-se nas fontes populares – ou seja, as mães – e inserir dados oficiais no decorrer do conteúdo, conforme assuntos eram trazidos à tona pelas personagens, para comprovar que as falas, mesmo que não oficiais, eram muitas vezes endossadas por fatos. Todas as mães entrevistadas e incluídas na reportagem sentiram-se mais confortáveis se não identificadas pela reportagem, principalmente por causa do tema sensível e que mexe especificamente com o seio familiar. Por fim, devido à problemática já descrita anteriormente na diferenciação entre o assunto da reportagem e a depressão pós-parto, foi incluído no final do texto um box produzido com base em informações recebidas a partir de pesquisas no portal do Ministério da Saúde sobre o tema.